



RESENHA

HUSSERL, Edmund. **A ideia da Fenomenologia**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008. 133 p.

 Mauro Sérgio de Carvalho TOMAZ*

A ideia da fenomenologia reúne cinco lições pronunciadas em Göttingen, de 26 de abril a 2 de maio de 1907. No livro, Edmund Husserl mostra como conhecimento e objetividade cognitiva se correlacionam, tendo como pano de fundo a relação entre vivência psicológica e realidade. Para examinar a questão, partirá da relação entre conhecimento e objeto, ou melhor, de como a consciência atribui sentido ao objeto. Para tratar a questão, Husserl utilizará o método fenomenológico e as reduções que o constituem. O método, proposto como crítica do conhecimento, fornece, segundo o pensador, as bases metodológicas para a Filosofia e ciências naturais. Nas lições que compõem a obra vemos Husserl examinar o que é a verdade e como ela é examinada no método fenomenológico. O filósofo apresenta esse método como procedimento crítico para estudo das essências, contornando as objeções de Kant sobre o acesso à essências. Nessas lições já encontramos um filósofo amadurecido e capaz de diálogo consistente com Kant. Ele diferencia a fenomenologia empírica da transcendental, tema que já tratara no clássico **Investigações Lógicas** (1900-1901), o livro mais importante da fase inicial de sua meditação conhecido como período *Halle*.

Na primeira das lições, Husserl pretende demonstrar a especificidade da Filosofia frente às Ciências. A singularidade da Filosofia se manifesta de três maneiras: a) na dimensão de pertencimento da Filosofia como ciência, b) no método cognoscitivo da qual se vale e c) dos pressupostos fundamentais que usa em sua investigação. O que são mesmo, para o autor, as ciências naturais que ele contrapõe à Filosofia? São aquelas que, através do que ele denomina “*atitude*

* Mestrando em Educação (Processos Socioeducativos e Práticas Escolares) pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

espiritual natural” (HUSSERL, 2008, p. 37, grifo do autor), voltam-se às coisas de maneira intuitiva. Essa óbvia percepção das coisas permite ao homem julgá-las e ao fazê-lo, intuir aquilo que não é imediatamente percebido: o geral ou universal, que se transformará em lei aplicável às coisas. A ciência natural, por ter nas coisas (fenômenos físicos) seu objeto de estudo, trata do conhecimento como outra coisa qualquer. Especificamente, como conjunto de processos cerebrais. Em outras palavras, como os demais objetos particulares da ciência natural, do conhecimento emanaria aquilo que dele se procura saber. É justamente aí que surgem os problemas. Husserl se pergunta: como o conhecimento “pode ir além de si e atingir fidedignamente os objetos?” (p. 40). Esse tipo de reflexão que transcende, por assim dizer, a atitude espiritual natural é filosófica e por suas características corrói as estruturas da ciência, pois lança sobre ela dúvida fundamental. A reflexão filosófica mostra que a ciência natural não tem a palavra definitiva sobre seu objeto. Embora seja problema que surge na prática científica a ciência não consegue resolvê-lo. Cabe então à Filosofia e, mais propriamente, à metafísica, procurar a solução. É a metafísica que tem como tarefa propor um método de investigação que revele o caráter rigoroso da Filosofia. Husserl o fará transformando a fenomenologia do conhecimento em objetividade cognoscitiva. Isso significa que a Filosofia procura um fundamento da fenomenologia em geral para, como crítica do saber natural, fornecer as bases metodológicas para as ciências naturais.

Apresenta-se então a seguinte questão: “como se pode *estabelecer a crítica do conhecimento*?” (p. 51, grifo do autor). Essa questão, que abre a segunda lição, surge quando a reflexão se volta para a correlação conhecimento-objetividade. Husserl faz uma leitura da *cogitatio* (consciência) cartesiana, dizendo que a crítica do conhecimento deve partir de algo que a si mesmo se dá: a percepção, que, enquanto permanece, é absoluta, indubitável e definitiva. Em outras palavras, é necessário existir uma imanência que parta da própria crítica do conhecimento e que, através da “claridade essencial” (p. 55) alcance a essência do conhecimento, clareando qualquer obscuridade. Isso só é concebível com um conhecimento geral, que, baseado na imanência, deixa de ser enigmático e se contrapõe à perplexidade cética.

Ora, o problema do conhecimento é sua pretensão transcendente, isto é, o propósito de atingir objetos que estão fora da consciência onde se dá o

conhecimento. Husserl, mantendo-se na perspectiva de Kant, dirá que é “patente tolice” (Idem, p. 62) fundamentar uma teoria do conhecimento em qualquer tipo de pressuposição transcendente, como fazem as ciências naturais. Como alternativa, propõe o “*princípio gnoseológico*” (p. 63, grifo do autor), uma redução que independa da transcendência. É ela que, ao ser considerada, se transforma no erro fundamental da teoria do conhecimento do qual outros erros derivam. Logo, a crítica do conhecimento não pode partir de nenhum elemento transcendente, mas surgir da consciência: eis a conclusão que abre a terceira lição.

São também formas de transcendência, explica Husserl, o Eu e sua vivência, o que faz necessário, para retirar toda transcendência destes conceitos-chave e transformá-los em dados absolutos, proceder ao que denomina “*redução fenomenológica*” (grifo do autor). Essa redução consiste em exibir a essência imanente da vivência psíquica, transformando-a em fenômeno puro ou dado absoluto. A ciência desses fenômenos puros é, pois, a **fenomenologia**. Ciência específica, “com tarefas inteiramente diversas e com um método completamente distinto” (p. 85) das outras. Essa ciência tem por tarefa examinar e distinguir sentidos no puro ver, quer dizer, de maneira intuitiva, sem deduzi-los ou calculá-los, mas “vendo-os” patentes na redução fenomenológica. Esse é um método estritamente filosófico e, portanto, um método de crítica da razão em geral.

Essa conclusão faz aparecer um novo problema: como é possível obter juízos cientificamente válidos? Ora, com a redução, Husserl retirou da crítica do conhecimento toda pressuposição transcendente, mas falar em “juízos cientificamente válidos” significa falar de juízos transcendentalmente válidos, o que leva a um círculo vicioso. Para rompê-lo, é preciso, como fez Descartes, partir da **percepção clara e distinta** – o que em linguagem fenomenológica significa começar pelo fenômeno puro, pelo dado absoluto - e a aceitação de tudo o que por ele é dado. Faz sentido, diz Husserl, ver algo e se perguntar se existe um transcendente latente e de como se pode compreendê-lo. Mas não faz sentido ter percepção do fenômeno e questioná-lo sem procurar entender o que não está imediatamente dado. Para o filósofo, é obviamente compreensível o que é dado, mas o intentado só pode ser alcançado pela reflexão. O que Husserl quer dizer é que para uma verdadeira crítica do conhecimento é necessário a existência de outros dados absolutos além dos obtidos pelas reduções, portanto, é o

conhecimento do “*absoluto dar-se em si*” (p. 76, grifo do autor) que permite o conhecimento de universais. E é isso que pretende a fenomenologia. Ela, diz Husserl, quer ser ciência e método, analisar e investigar essências que surgem para nós de maneira puramente intuitiva. Ela quer elucidar possibilidades de conhecimento a partir do seu fundamento essencial, por isso investiga essências a *priori*.

Para resolver o problema da essência do conhecimento, Husserl diz, na quarta lição, que é preciso investigar o universal que se dá na “autopresentação absoluta” (p. 83) e que, por meio da redução fenomenológica, a essência do conhecimento se apresenta ao puro ver e pode ser encontrada como universalidade. Para se chegar a certeza é preciso colocar todos os objetos exteriores entre parêntesis e tratar do mundo reduzido (presente) na consciência. Entretanto, o sentido do conhecimento não pode ser intuído facilmente como acontece com uma cor, por exemplo. Ele pode ter vários sentidos diferentes e reconhecidos, mesmo após a **redução fenomenológica**. É justamente nesse reconhecer das essências que se pode estabelecer os princípios que regularão o conhecimento científico empírico. Buscar princípios é buscar essências e buscar essências é proceder a redução fenomenológica analisando fenômenos singulares. Como se vê, Husserl não tratará do ser mesmo, nem de sua representação como na metafísica tradicional, mas do ser no fenômeno.

Essa busca das essências realizada na redução fenomenológica se apresenta ao “puro olhar” ou evidência: a consciência que efetivamente vê, o adequado e inquestionável dar-se em si mesmo. Assim, chega-se à evidência da consciência (*cogitatio*), da transcendência e do universal, que tem o mesmo sentido de objetividade. Portanto, a redução fenomenológica não se restringe à esfera do imanente, mas sim à “*esfera do dar-se em si puro*” (Idem, p. 88, grifo do autor), do autodado que retêm em si o intentado. Disso conclui Husserl que o absoluto dar-se em si mesmo não se restringe ao imanente, nem inclui somente universalidades ou objetividades, mas transita entre os dois campos.

Já se pode, com isso, ter o fenômeno puro (como por exemplo, o de uma cor percebida) e através da redução fenomenológica chegar à sua essência pela abstração. Contudo, a reflexão de Husserl na quinta lição demonstra que pouco importa se a cor - ou qualquer outro objeto - está **de fato** diante da consciência ou

se é uma fantasia. A existência e o modo de existência de um objeto não influenciam na tarefa de atingir sua essência, ou seja, o juízo das essências independe da diferença entre percepção e fantasia.

O grande problema que surge, diz Husserl como última reflexão do livro, é saber o que está dado numa evidência e o que não está, como é no caso das fantasias. O *quadrado redondo* pensado é, efetivamente, a vivência de um fenômeno, mas não o é o objeto deste pensamento, nem mesmo na fantasia. Importa “*realçar os diferentes modos do genuíno dar-se*” (Idem, p. 103, itálico no original) e os modos de constituição das inúmeras objetividades e suas relações para o conhecimento, já que somente neles se pode investigar a essência da objetividade em geral, só nele se pode ver com evidência. “Este *intuir evidente* é, sim, o *conhecimento no sentido mais pleno (...)*” (Idem, p. 104, itálico no original). É no evidenciar-se que o objeto se constitui no conhecimento. Conhecimento onde as importantes conexões entre atos de pensamento formam a unidade do entendimento, constituindo não só, como lembra Husserl, a objetividade da ciência natural, mas também “a objetividade da realidade espaço-temporal efetiva” (Idem, p. 105).

A leitura de **A ideia da fenomenologia** permite, ainda que de forma concisa, entender o método fenomenológico, apresentando os pontos centrais da meditação de Husserl: método para fazer da Filosofia uma ciência rigorosa, que se baseia na essência dos fenômenos presentes na consciência, procedimento descritivo de modo a validar também as ciências naturais e que permite a certeza como disciplina *a priori*, estando na raiz da Filosofia e da Ciência. A obra estabelece a especificidade da Filosofia como ciência, explica a necessidade de um método rigoroso que possa aplicar-se também às ciências naturais para legitimá-la. O livro traz ainda uma crítica do conhecimento e responde à questão de como é possível a correlação conhecimento-objeto e como o conhecimento pode dar sentido a esse objeto. Dessa maneira, a fenomenologia adquire *status* de ciência das essências e o método fenomenológico apresenta-se como rigoroso método científico.

No momento em que escreveu as conferências desta obra, Husserl está iniciando a fase em que trata a fenomenologia transcendental como uma nova forma de transcendentalismo. Este período se estende até as **Meditações Cartesianas** (1929). O cerne do seu pensamento no período é o sujeito e o modo como as coisas

aparecem na consciência. Embora nessa fase, bem como na obra fundamental que então escreveu **Ideias diretrizes** (1913), Husserl não considere o significado da história na formação do sujeito, ele se abre gradualmente à noção de processo. Isto permitirá que se ocupe da História e da crise de cultura que privilegiou o irracionalismo. Esses dois assuntos ganharão importância nos últimos anos de reflexão de 1934 a 1937, quando Husserl escreveu **A crise da humanidade européia e a filosofia** e culpou os intelectuais europeus de se afastarem do legado da razão.